

BULLYING: CAMINHOS PARA O COMBATE

Veralúcia Guimarães de Souza
Cleide Ester de Oliveira
Paulo Alves de Oliveira
(Organizadores)



Realização



Apoio



Atena
Editora
Ano 2020

FAPEMAT
FUNDAÇÃO DE AMPARO
À PESQUISA DO ESTADO
DE MATO GROSSO



**GOVERNO DE
MATO
GROSSO**

BULLYING: CAMINHOS PARA O COMBATE

Veralúcia Guimarães de Souza

Cleide Ester de Oliveira

Paulo Alves de Oliveira

(Organizadores)



Realização



Apoio



Atena
Editora
Ano 2020

FAPEMAT
FUNDAÇÃO DE AMPARO
À PESQUISA DO ESTADO
DE MATO GROSSO



GOVERNO DE
MATO
GROSSO

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
B936	<p>Bullying [recurso eletrônico] : caminhos para o combate / Organizadores Veralúcia Guimarães de Souza, Cleide Ester de Oliveira, Paulo Alves de Oliveira; revisoras Priscila Veloso Ramos, Carolina Guimarães Santos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-059-9 DOI 10.22533/at.ed.599202605</p> <p>1. Assédio nas escolas. 2. Educação de crianças. 3. Violência na escola. I. Souza, Veralúcia Guimarães de. II. Oliveira, Cleide Ester de. III. Oliveira, Paulo Alves de. IV. Ramos, Priscila Veloso. V. Santos, Carolina Guimarães</p> <p style="text-align: right;">CDD 371.58</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

REALIZAÇÃO



APOIO



FAPEMAT
FUNDAÇÃO DE AMPARO
À PESQUISA DO ESTADO
DE MATO GROSSO



GOVERNO DE
**MATO
GROSSO**

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é uma coletânea de artigos que foram elaborados por pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (GPHSC-IFMT) sobre a temática *Bullying* e Violação de Direitos Humanos que tem sido objeto da pesquisa do grupo desde 2016.

O projeto foi aprovado no Edital 29/2018 da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (Propes), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, com o título "Bullying: caminhos para o combate", do qual foi oriundo os recursos para realização do presente e-book.

Os diversos autores tratam a temática na vertente multidisciplinar, através de um viés de proposta interdisciplinar. A amplitude das temáticas que abrangem a Educação em Direitos Humanos permitem transitar transversalmente em todas as disciplinas, sustentada pela concepção de que a inserção da formação do cidadão em Direitos Humanos pode contribuir para um convívio social menos violento.

Frente a esse desafio que essa coletânea pretende abarcar, apresentamos alguns elementos práticos que podem ser úteis a você que é educador, pai, ou estudante e/ou pessoa que sofre *bullying* ou percebe em seu meio alguém que sofre com este tipo de agressão.

Esta problemática é abordada dentro da temática da violação dos Direitos Humanos, que tem sido muito disseminada e amplamente debatida dentro dos contextos escolares. É inegável que há interesses institucionais em pesquisas, desde instituições públicas, privadas, com objeto nas diversas formas de violência e na violação dos Direitos Humanos de adolescentes, no cotidiano escolar, tendo, como ponto central, as múltiplas formas de violência: física, psicológica e simbólica, as quais estão presentes no contexto escolar e se materializam por meio do fenômeno *bullying*.

Nesta apresentação, queremos trazer alguns conceitos sobre a temática e consideramos importante salientar que, conforme as conceituações, nem toda violência é considerada *bullying*, porém todo *bullying* é uma forma de violência. Apesar de ambos serem um ato de brutalidade, incivilidade e causar dor e sofrimento à vítima, o *bullying* se diferencia por suas características peculiares, por sua repetição, intencionalidade, por não ter motivação aparente e por haver desequilíbrio de poder, pois normalmente a vítima não tem condições para se defender.

As violências são de diferentes formas e com vertentes específicas, que tratamos, como no caso do *bullying*, por ser física, psicológica ou simbólica, porém em apenas alguns casos estão embutindo situações de *bullying* por ter característica sistemática e intencional, as que ocorrem por situações específicas tratamos como

violências.

Podemos entender que a ocorrência do *bullying* se dá de forma direta e indireta; a primeira é quando há imposição de apelidos, assédios, agressões físicas, ameaças, roubos e ofensas verbais; e a indireta consiste em atitudes de indiferença, isolamento e fofocas.

Neste contexto, apontamos que os diálogos sobre a temática Direitos Humanos e *bullying* podem promover a formação de estudantes que não naturalizam ou banalizam atos de violência e desrespeito. Frente a esse desafio que se propõe trazer diálogos e reflexões acerca desta problemática e buscar propostas de enfrentamento.

Para saber um pouco mais sobre o *bullying* e diferenciá-lo de outras formas de violência, você pode se respaldar em documentos e estudos mais aprofundados sobre a legislação: Leis Federais que são referências sobre o assunto, como a Lei Federal nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, que estabelece o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o Brasil. Lei Federal nº 13.277, de 29 de abril de 2016, que institui o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao *Bullying* e à Violência na Escola e a Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018, inclui a responsabilidade da escola para promoção de medidas de combate a intimidação sistemática.

Caso você seja um estudante e esteja passando por uma situação de violência, seja ela pela imposição de apelidos, assédios, agressões físicas, ameaças, roubos e ofensas verbais, está sendo vítima de atitudes de indiferença, isolamento e fofocas procure ajuda, não se sinta intimidado. Fale com seus pais, professores, técnicos e diretores da sua escola. Certamente eles vão ajudar a você. E, se você presenciar algum ato violento, ajude a vítima a sair desta situação, não seja um espectador passivo.

Aos pais que perceberam que seus filhos estão sendo vítimas de *bullying*, não hesitem em procurar a escola e junto com a equipe pedagógica e profissionais capacitados encontrar meios de lidar com o problema.

Ao professor(a) e/ou profissional da educação que tiver conhecimento de casos de *bullying*, ou qualquer outro tipo de violência, entre em contato imediatamente com equipe pedagógica e/ou com os profissionais capacitados da equipe multiprofissional da escola. A sua percepção dessas situações é de extrema importância para que se possa tratar de forma adequada esses infortúnios que comprometem o processo de ensino aprendizagem e a qualidade de vida dos estudantes. A comunidade escolar pode se envolver na solução do problema, acompanhando agressor, vítima, demais colegas; aplicando medidas disciplinares, quando for o caso previsto em regimento escolar, ou direcionando a órgãos externos da rede de apoio à criança e ao adolescente, tais como Conselho Tutelar e Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) - que pode dar encaminhamento a um atendimento psicológico,

quando for necessário.

Um aspecto importante, e inclusive previsto na legislação, é a realização de atividades de prevenção na escola, tais como palestras, eventos, e atividades que favoreçam o protagonismo infantil e juvenil em atividades propostas pelos mesmos que gerem a empatia e a cultura de paz.

Neste e-book relataremos um pouco dos resultados de pesquisa e experiência realizadas, para demais interlocuções, conte conosco.

Agrademos à estudante do ensino médio Millena do Prado Vitoriano de Deus por gentilmente ter cedido a ilustração para capa do presente ebook, ilustração elaborada para a divulgação do VCURTABLV - Festival de Vídeo Curta-Metragem do IFMT campus Cuiabá Bela Vista, cujo tema foi Bullying: caminhos para o combate.

Atenciosamente,
Contato: gphsc.ifmt@gmail.com

SUMÁRIO

PREFÁCIO	
DESAFIO CONSTANTE DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS: A CONVIVÊNCIA ESCOLAR Antonia Picornell-Lucas	
CAPÍTULO 1	1
PESQUISA HISTORIOGRÁFICA SOBRE O GRUPO DE PESQUISA EM HUMANIDADES E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA DO IFMT Anna Beatriz Rodrigues de Amorim Carolina de Vasconcelos Lopes Borba Felicíssimo Bolívar da Fonseca DOI 10.22533/at.ed.5992026051	
CAPÍTULO 2	8
APLICABILIDADE DE FERRAMENTAS DA QUALIDADE NO CURSO DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS Raquel Martins Fernandes Amanda Silva de Lima Gabriel Belo Lyra e Lima DOI 10.22533/at.ed.5992026052	
CAPÍTULO 3	17
AMBIENTE ESCOLAR REGULAR E A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DOCUMENTAL Amanda Silva de Lima Gabriel Belo Lyra e Lima DOI 10.22533/at.ed.5992026053	
CAPÍTULO 4	29
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: CONVIVÊNCIA GLOBAL E VIOLÊNCIA ESCOLAR Raquel Martins Fernandes Felicíssimo Bolívar da Fonseca Cleide Ester de Oliveira Yuri Ogaya de Assumpção DOI 10.22533/at.ed.5992026054	
CAPÍTULO 5	39
VIOLÊNCIA ESCOLAR, BULLYING E VIOLAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS NO COTIDIANO DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO DO IFMT CAMPUS CUIABÁ BELA VISTA Vanessa Costa Gonçalves Silva DOI 10.22533/at.ed.5992026055	
CAPÍTULO 6	54
PRESENÇA FEMININA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA Degmar Francisco dos Anjos Niedja de Freitas Pereira DOI 10.22533/at.ed.5992026056	

CAPÍTULO 7	63
COTIDIANO ESCOLAR DO IFMT: ANÁLISE DO DISCURSO DE PROPOSITURAS DE COMBATE AO BULLYING	
Vanessa Costa Gonçalves Silva Jair Aniceto de Souza Cleide Ester de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.5992026057	
CAPÍTULO 8	74
INCLUSÃO SOCIAL ESCOLAR DOS POVOS CHIQUITANOS: OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO	
Isabel Cristina Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5992026058	
CAPÍTULO 9	84
<i>BULLYING</i> , IDENTIDADE E DIREITOS HUMANOS NO CONTEXTO ESCOLAR	
Jair Aniceto de Souza Vanessa Costa Gonçalves Silva Degmar Francisco dos Anjos	
DOI 10.22533/at.ed.5992026059	
CAPÍTULO 10	96
<i>BULLYING</i> ESCOLAR E SUA PERCEPÇÃO PELOS ESTUDANTES: UM ESTUDO EM ESCOLAS DE ENSINO BÁSICO MATO-GROSSENSES	
Quintiliano Siqueira Schroden Nomelini Natália Sathler de Souza Cunha Rodrigo Ribeiro de Oliveira Carla Cristina Rodrigues Santos	
DOI 10.22533/at.ed.59920260510	
CAPÍTULO 11	111
BULLYING E VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS EM ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES DE MATO GROSSO: OS (DES)CAMINHOS DA EDUCAÇÃO	
Isabel Cristina Silva Carolina Guimarães Santos Carlos Rabelo Machado Raquel Martins Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.59920260511	
CAPÍTULO 12	123
PANORAMA GERAL DA PESQUISA “VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E <i>BULLYING</i> NO CONTEXTO ESCOLAR” DO GRUPO DE PESQUISA EM HUMANIDADES E SOCIEDADE CONTEMPORANEA DO IFMT	
Gilson Pequeno da Silva Isabel Cristina Silva Raquel Martins Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.59920260512	
CAPÍTULO 13	133
ESTUDO SOBRE VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E BULLYING NO IFMT	
Isabel Cristina Silva Carolina Guimarães Santos Jair Aniceto de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.59920260513	

CAPÍTULO 14 145

CURTABLV: ENSINO, EXTENSÃO E REDES SOCIAIS

Paulo Alves de Oliveira
Veralúcia Guimarães de Souza
Alexandre Magalhães Arruda
Marco Aurélio Bulhões Neiva
Yuri Ogaya de Assumpção

DOI 10.22533/at.ed.59920260514

PREFACIADOR 156

SOBRE OS AUTORES 157

DESAFIO CONSTANTE DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS: A CONVIVÊNCIA ESCOLAR

Antonia Picornell-Lucas

La Convención de los Derechos del Niño (1989) permitió que en el mundo entero aumentara el respeto por los derechos de los niños, niñas y adolescentes; que se transformaran los valores morales y las prácticas con la infancia y adolescencia. Sus principios rectores: no discriminación, interés superior del niño, derecho a la vida y desarrollo y derecho a la participación fueron asumidas como obligaciones por los Estados.

Entre todos los derechos que señala la Convención se encuentra el derecho a la educación en igualdad de oportunidades, cuyo fin es “preparar al niño para asumir una vida responsable en una sociedad libre, con espíritu de comprensión, paz, tolerancia, igualdad de los sexos y amistad entre todos los pueblos” (art. 29d). Sin embargo, el derecho a la educación no puede entenderse solo como escolarización en el sistema educativo formal sino que también hace referencia a cualquier actividad fuera del aula que ayude a los niños y niñas a desarrollar sus aptitudes y capacidades lo máximo posible.

Ahora bien, escuela y niños, niñas y adolescentes es inseparable. La escuela ocupa un lugar principal en las vidas de los

niños y niñas porque las interacciones que allí se producen les van a permitir delinear sus trayectorias vitales. Aunque, también en ese entorno están expuestos a riesgos como la desigualdad de oportunidades o la violencia entre iguales. Precisamente, la presente obra, que me complace introducir, se detiene en el contexto escolar para dar a conocer un problema mundialmente reconocido: la violencia entre pares (*bullying*) que, según UNICEF (2017), están sufriendo uno de cada tres niños-as en el mundo.

Si bien el acoso escolar no es un fenómeno nuevo en las aulas (Calmaestra y otros, 2016), sus consecuencias físicas y psicológicas pueden llevar incluso al suicidio (Hinduja y Patchin, 2010; Mora-Merchán, 2006). La magnitud del grave daño que puede ocasionar este tipo de maltrato provoca una gran preocupación social, como en el caso del Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea do IFMT de Mato Grosso.

Una violencia que, cada vez con mayor frecuencia, tiene su continuo fuera de las aulas, con el uso de las Tecnologías de la Información y de la Comunicación (TICs). El *grooming*, *flaming*, *sexting*, *online harrassment*, *identity theft*, *griefing* y *outing*, entre otros, son considerados tipos de acoso

virtual (*cyberbullying*) en función de la acción (Willard, 2007); y con mayores niveles de síntomas depresivos que la victimización tradicional (Perren *et al*, 2010). Todas estas conductas violentas, intimidatorias y estigmatizantes, son un atentado a la dignidad de los niños y niñas que las sufren; pero, al mismo tiempo, erosionan la convivencia escolar, fragmentando el proceso de formación de los niños y niñas en valores democráticos y ciudadanía, base de toda educación.

La preocupación internacional por reducir cualquier tipo de violencia, en especial aquella ejercida contra los niños y niñas, y su interés por promover sociedades pacíficas queda patente en la Agenda 2030. “Eliminar todas las formas de violencia contra todas las mujeres y las niñas en los ámbitos público y privado” (ODS 5.2) y “Poner fin al maltrato, la explotación, la trata y todas las formas de violencia y tortura contra los niños” (ODS 16.2) son metas sobre las que Naciones Unidas pone un especial énfasis. También la Unión Europea demuestra su preocupación por promocionar la equidad, la cohesión social y la ciudadanía activa, poniendo en marcha un marco estratégico de cooperación europea en educación (“ET2020”). Desde su posicionamiento ante la violencia, recomienda a los Estados que impulsen planes estratégicos de inclusión educativa y formación permanente de todos los actores educativos, manteniendo una estrecha colaboración con la sociedad civil. Sin duda, esta postura está permitiendo que las políticas educativas gubernamentales pongan en marcha protocolos, observatorios de convivencia, planes de promoción de la convivencia en los centros escolares y otras estructuras de actuación para promover un clima escolar de respeto.

Pero mejorar el clima escolar y erradicar cualquier situación de vulnerabilidad infantil, incluido el acoso, supone una gran dificultad para las políticas educativas. Las razones son variadas. Si bien existen razones originarias del propio entorno escolar que pueden explicar el *bullying*, también, como causa externa, la desigualdad social es un referente para este fenómeno. La falta de oportunidades laborales, económicas, culturales, etc. de algunas familias emerge como un riesgo para el incremento del rechazo y el acoso escolar (Picornell-Lucas, Montes y Herrero, 2018). Esta situación se ve legitimada por las creencias y actitudes culturales tradicionales, como por ejemplo el empleo del castigo corporal en la crianza de los hijos e hijas o aquellas otras influidas por la discriminación de género.

En consecuencia, son varias las dimensiones, interrelacionadas, para mejorar la convivencia escolar y erradicar el acoso escolar; que no se traducen solo en generar medidas en el interior de los centros educativos sino también, y sobre todo, abordarlo desde políticas públicas de bienestar social, sin olvidar la participación de los niños y niñas. No podemos ocultar que estas acciones violentas atentan contra el derecho a la educación, que incluye ofrecer a los niños y niñas todas las oportunidades para que construyan su propia identidad social, como ciudadanos, en el entorno que les

toca vivir. Pero a la vez transgreden el resto de sus derechos, con multiplicidad de consecuencias para su presente y futuro, especialmente la relacionada con la construcción de su identidad y la transformación de la sociedad, con un aumento de la intolerancia e insolidaridad y un mayor uso de la violencia para resolver los conflictos (Navarro-Pérez y Pastor, 2017), vislumbrándose una expansión de la incompreensión.

Son muchas las dificultades y retos, y así lo manifiestan las autoras y autores de esta obra, cuya preocupación y compromiso por la convivencia, la cohesión social y una educación desde la perspectiva de la garantía de los derechos les ha llevado a reflexionar sobre el acoso escolar en Brasil, proponiendo medidas inclusivas de prevención e intervención para enfrentarse a esta realidad.

REFERENCIAS

Calmaestra, J., Escorial, A., García, P., Del Moral, C., Perazzo, C. y Ubrich, T. (2016). *Yo a eso no juego: Bullying y ciberbullying en la infancia*. Madrid: Save the Children España.

Hinduja, S. y Patchin, J.W. (2010). Bullying, cyberbullying and suicide. *Archives of Suicide Research*, 14(3), 206–221. <https://doi.org/10.1080/13811118.2010.494133>

Mora-Merchán, J. A. (2006). Coping Strategies: Mediators of Long-Term Effects in Victims of Bullying? *Anuario de Psicología Clínica y de la Salud/Annuary of Clinical and Health Psychology*, 2, 15-25.

Navarro-Pérez, J. J. y Pastor Seller, E. (2017). Factores dinámicos en el comportamiento de delincuentes juveniles con perfil de ajuste social. Un estudio de reincidencia. *Psychosocial Intervention*, 26 (1), 19-27. <http://dx.doi.org/10.1016/j.psi.2016.08.001>

Perren, S.; Dooley, J.; Shaw, T. y Cross, D. (2010). Bullying in school and cyberspace: Associations with depressive symptoms in Swiss and Australian adolescents. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 4 (28). <https://doi.org/10.1186/1753-2000-4-28>

Picornell-Lucas, A.; Montes, E. y Herrero, C. (2018). La desigualdad de oportunidades educativas desde la perspectiva de los niños, niñas y adolescentes de Castilla y León. *Prisma Social*, 23, 169-184.

UNICEF (2017). *Una situación habitual. Violencia en las vidas de los niños y los adolescentes*. Nueva York: UNICEF.

Willard, N. (2007). *Cyberbullying and cyberthreats: Responding to the challenge of online social aggression, threats, and distress*. Illinois: Research Press.

VIOLÊNCIA ESCOLAR, BULLYING E VIOLAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS NO COTIDIANO DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO DO IFMT CAMPUS CUIABÁ BELA VISTA

Vanessa Costa Gonçalves Silva

RESUMO: O presente trabalho é um recorte da dissertação com o mesmo tema, que visa compreender situações de possíveis processos de violência escolar através do bullying, como a violação de direitos humanos no cotidiano escolar, que envolvem estudantes adolescentes no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso Campus Cuiabá Bela Vista (IFMT Campus Cuiabá Bela Vista). A pesquisa é qualitativa, com base na pesquisa social, que visa à melhoria do cotidiano escolar praticado. Foi usado como aporte teórico Certeau (2004), com a arte de fazer o cotidiano. Abramovay (2002; 2003), para debater a violência escolar e Fante (2005), para fundamentar questões do bullying. Como resultado preliminar evidenciou-se que a Educação em Direitos Humanos é uma estratégia real de enfrentamento a prática do bullying, da violência e da violação de direitos. No Campus pesquisado evidenciou-se a prática de bullying motivado por questões de gênero, características físicas e questões sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Bullying. Cotidiano escolar.

SCHOOL VIOLENCE, BULLYING AND HUMAN RIGHTS INFRINGEMENT IN TECHNICAL COURSE SCHEDULE INTEGRATED WITH IFMT CAMPUS CUIABÁ BELA VISTA HIGH SCHOOL

ABSTRACT: This paper is a clipping of the dissertation with the same theme, which aims to understand situations of possible processes of school violence through bullying, such as the violation of human rights in daily school life, involving teenage students at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Mato Grosso Cuiabá Bela Vista Campus (IFMT Campus Cuiabá Bela Vista). The research is qualitative, based on social research, which aims to improve the daily school life practiced. It was used as a theoretical contribution Certeau (2004), with the art of doing daily life. Abramovay (2002; 2003) to discuss school violence and Fante (2005) to substantiate bullying issues. As a preliminary result, it became clear that human rights education is a real strategy to confront the practice of bullying, violence and violation of rights. The researched Campus showed the practice of bullying motivated by gender, physical characteristics and social issues.

KEYWORDS: Teaching. Bullying. School daily life.

INTRODUÇÃO

A temática da violação dos Direitos Humanos tem sido muito disseminada. E percebemos que há interesses institucionais em pesquisas, desde instituições públicas, privadas, com objeto nas diversas formas de violência e na violação dos Direitos Humanos de adolescentes, no cotidiano escolar, tendo como ponto central, as múltiplas formas de violência: física, psicológica e simbólica, as quais estão presentes no contexto escolar e se materializa através do fenômeno *bullying*.

Este tema está sendo amplamente discutido e está inserido no campo de atuação do GPHSC – Grupo de Pesquisa Humanidades e Sociedade Contemporânea do IFMT, campus Cuiabá Bela Vista, cuja pesquisa é: “Violação dos Direitos Humanos e Bullying no contexto escolar: diagnóstico e proposta de intervenção com base no empoderamento dos alunos”. O GPHSC é cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 60165016.0.0000.5165), que ocorreu no período de agosto de 2016 a agosto de 2018.

Este trabalho é um recorte da dissertação que está em fase de conclusão, e é um desdobramento das discussões realizadas pelo Grupo de Pesquisa, que aponta para a relevante temática de violação dos Direitos Humanos de adolescentes no cotidiano escolar, tendo como ponto central, as múltiplas formas de violência que estão presentes no contexto escolar. Um ponto importante que está sendo desenvolvido é o diagnóstico dessas formas de violência, que podem ocorrer entre estudantes e os processos (des)educativos podem gerar, sustentar, definir e conduzir a processos de transformação e/ou conservação social.

Diante da necessidade de combater a violência escolar, que houve a proposta de investigar como estas violações podem alcançar um *status* de legitimação e legalização, cuja banalização pode desencadear em atos de violação aos Direitos Humanos que podem nem ser contestados. Portanto, a questão que baliza esta pesquisa é: como a prática e a prevenção do *bullying* e de violação de direitos humanos estão presentes nas relações cotidianas dos adolescentes estudantes do Ensino Médio do Campus Cuiabá Bela Vista do IFMT?

Este trabalho está sendo desenvolvido no IFMT *Campus* Cuiabá Bela Vista, que é um dos dezenove Campi do IFMT. Foi inaugurado em 13 de setembro de 2006, e teve o seu funcionamento autorizado pela Portaria Ministerial nº. 1.586, de 15 de setembro de 2006. Nesse período funcionava como uma extensão do Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso (CEFET-MT), que passou a ser denominado campus com a lei de criação dos institutos, Lei nº 11,892, de 29 de setembro de 2008. Vinculado ao Ministério da Educação, possui natureza jurídica de autarquia, sendo detentor de autonomia administrativa, patrimonial, financeira,

didático-pedagógica e disciplinar.

Os sujeitos que fazem parte da pesquisa são os estudantes dos cursos técnico em Meio Ambiente e técnico em Química integrados ao Ensino Médio.

Para a presente pesquisa foi feito o recorte temporal de cinco anos (2014-2018), que é o período de vigência do Plano de Desenvolvimento Institucional do IFMT e um período em que as discussões sobre o *bullying* já são bastante conhecidos pelos estudantes, docentes e comunidade escolar.

Para o desenvolvimento deste trabalho foi necessário fundamentar a proposta da temática de direitos humanos e *bullying* como um tema transversal nos cursos técnicos integrados com Ensino Médio do IFMT *Campus* Cuiabá Bela Vista, numa perspectiva da transversalidade e multidisciplinaridade, e relação bilateral, que exige maturidade, postura diferente a ser adotada frente a esta problemática, uma concepção unitária do ser humano. Rompendo com o paradigma tradicional de escola, pensando em uma prática embasada no paradigma da complexidade, na qual o estudante passa a fazer parte da construção do conhecimento racional, sem deixar de fora as emoções, sentimentos e intuições.

A complexidade da educação que é trazida por Morin (2000), traz o diálogo como um princípio que aproxima os antagônicos, admitindo que os “opostos são complementares” sendo indissociáveis e indispensáveis, contribuindo para a percepção de que uma educação viável é fortalecida através da busca pela formação integral do ser humano, ou “totalidade humana” aberta, sem os fragmentos incomunicáveis.

Neste sentido, entendemos estas discussões como de grande relevância social e científica, que podem ser debatidas no contexto do IFMT, percebendo que é necessário trabalhar com temas transversais, dentro de um currículo pré-formatado através de seus Planos de Curso que são pensados na formação do estudante técnico e apto a exercer suas atividades profissionais após sua formação escolar, que no caso desta pesquisa estão relacionados às áreas das ciências da natureza.

DESENVOLVIMENTO

Quando rumamos no universo da pesquisa, do cotidiano vivido e das relações humanas, não sabemos ao certo o que teremos como descobertas, por isso não há como entrar na discussão sem embasamento de teóricos que já vem debatendo questões que me ajudarão a enxergar o encontrado com outro olhar e com mais sensibilidade, os autores que trago como suporte são Certeau (2004, 2013) com conceitos de a arte de fazer o cotidiano, invenção e táticas. Abramovay e Rua (2002) para auxiliar a compreensão da violência na escola. Alves (2008) e Ferraço (2007) tem fundamentado a concepção de pesquisa nos/dos/com os cotidianos da escola.

Fante (2005) e Silva (2010) para me ajudar a entender a questão do *Bullying* na escola. Além de Silva (2015), que é aporte para debater a concepção de currículo e sua complexidade.

Neste cenário, apresentado teço parcerias para desenvolver esta pesquisa e crio redes de relações entre os sujeitos praticantes e o cotidiano escolar para ter outro olhar e sensibilidade para perceber e conviver no universo escolar, não apenas olhar de longe esse universo, mas vivenciar, caminhar junto e compartilhar experiências, anseios e alegrias.

Para contextualizar o cenário educacional vivenciado, busco respaldo no estudo realizado pelo Ministério da Educação (MEC), em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO), no ano de 2003, no qual aponta que a violência no ambiente escolar tem se apresentado como um problema crescente. Para Abramovay (2003), os atos delituosos e as pequenas e grandes demonstrações de incivildades nas escolas chamam a atenção e provoca um sentimento de insegurança na comunidade escolar. Para esta autora, a escola não representa mais um espaço seguro de integração social, de socialização, pois deixou de ser um espaço resguardado, uma vez que se tornou cenário de ocorrências violentas. Dessa forma, o que se constata é que a violência na escola é um reflexo da violência vivenciada na sociedade como um todo, uma vez que essas formas de violência estão presentes em todos os espaços sociais.

A escola é chamada de uma microssociedade, por Silva (2010, p. 79), que segundo a autora, tende a reproduzir, em maior ou menor escala, a sociedade como um todo. Nesta organização existe uma hierarquia escolar onde há uma engrenagem funcional e administrativa da instituição em que os seus sujeitos têm seus papéis para que possam exercê-los de forma eficiente e solidário, numa forma de preparação para seu percurso à vida de adulto.

Consideramos a escola como um importante ambiente de socialização, sendo o espaço onde estudantes passam boa parte do tempo, principalmente os estudantes desses cursos que estudam em período integral, a mesma tem em seu bojo a função de educar, proteger e aprimorar seus estudantes no que se refere aos valores, ao respeito e ao exercício da cidadania e do direito de todos. Esses aspectos são fundamentais para que a instituição de ensino estabeleça e fortaleça sua missão, visão e valores, que é a sua identidade, a sua razão de ser, o seu currículo. Currículo esse que é definido por Silva como,

...lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja a identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade. (1999, p. 150).

Esta definição mais complexa sobre o currículo escolar nos dá uma visão mais

ampla e um entendimento de que o currículo extrapola a especificação e a seleção de conteúdos, objetivos, metodologias e avaliações que podem ser precisamente medidos, ele envolve uma concepção mais complexa, que parte do fundamento que os indivíduos acessam um currículo que visa a sua formação humana plena.

Essa formação com maior complexidade perpassa pelo desenvolvimento de saberes que são construídos e reconstruídos pelo sujeito, que permite que este relacione estas aprendizagens com suas necessidades cotidianas. E este currículo deve saber lidar com a subjetividade dos alunos, sua linguagem, sua prática de vida e sua percepção de mundo.

SOBRE A PESQUISA

Numa caminhada em busca por explorar o cotidiano escolar e as relações estabelecidas por seus sujeitos praticantes é que surge esta pesquisa, que foi desenvolvida através da natureza qualitativa, descritiva e interpretativa. Os métodos usados na pesquisa qualitativa, segundo Bauer & Gaskell (2003), incluem observação, entrevistas individuais e grupais e questionários, que foram as formas de coleta dos dados desta pesquisa.

Utilizei a pesquisa social como uma ferramenta de análise sistemática dos dados, que conforme Flick (2013) tem como uma tarefa principal proporcionar reflexões em problemas práticos e em rotinas que não são questionadas.

Segundo Flick (2013, p. 19), a pesquisa social se torna relevante para o campo da prática, e para a solução de problemas na prática. Que o autor chama de pesquisa de ação participatória, na qual o pesquisador no campo de estudo não apresenta apenas resultados finais e comunica os resultados, pois a intenção é iniciar mudanças durante o processo da pesquisa, pelo fato do estudo ser realizado. Neste tipo de pesquisa, não há apenas a descrição da rotina cotidiana, mas há um processo de pesquisa nas rotinas do cotidiano. O autor diz que o principal critério da mesma é a utilidade da pesquisa e seus resultados para os participantes, tornando-a um processo de conhecimento, aprendizagem e mudanças para pesquisador e participante.

Essa metodologia de pesquisa concebe a linguagem, as práticas e as coisas como inseparáveis, pois procura trabalhar com a vivência, com a experiência, com o dia a dia, com a compreensão das estruturas e instituições como resultantes da ação humana. O uso da abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de observar as pessoas em seu próprio contexto interacional, ou seja, no ambiente em que a interação ocorre naturalmente.

Para deixar claro os passos da coleta de dados, farei a descrição das etapas

das mesmas, com seus procedimentos e análise das mesmas, onde quero ir tecendo as redes sobre o assunto, buscando entrecruzar os sujeitos e o cotidiano vivenciado.

O questionário foi o início da pesquisa que se desdobrou em outras formas de coleta de dados, como entrevista com o grupo de estudantes/bolsistas que participaram da pesquisa como bolsistas e como estudantes que estavam cursando o último ano na instituição de ensino, que trouxeram um olhar mais crítico sobre situações vividas no chão da escola.

1 | QUESTIONÁRIO *GOOGLE FORM*

Numa primeira etapa, o estudo foi dirigido por meio de um questionário semiestruturado, disponibilizado *online* através do *Google form*, com treze questões, onze fechadas e duas abertas, que nortearam o recolhimento das informações e permitiu a caracterização dos sujeitos pesquisados e do contexto social no qual estão inseridos. As oito primeiras questões buscam recolher informações gerais sobre os alunos (idade, sexo, orientação sexual), a escolaridade dos pais e a situação familiar (casa própria, trabalho).

A questão seguinte foi subdividida em 24 itens que tem como objetivo identificar as formas de *bullying* sofridas e/ou praticadas pelos alunos. O estudante identificava as questões relativas ao *bullying* e relacionava a frequência que o fato ocorreu, sendo o indicativo nenhuma vez, até três vezes, acima de três vezes. Duas outras questões objetivaram verificar se os estudantes pesquisados sofriam ou praticavam *bullying* e os possíveis motivos relacionados a essa prática. Quanto às questões abertas: a primeira pede que o estudante que já sofreu ou viu alguém sofrer *bullying* faça um relato do ocorrido, enquanto a outra pede por sugestões dos alunos para acabar com o *bullying*.

A aplicação do questionário *online* foi pensada para permitir que os estudantes participantes pudessem respondê-lo a partir de diversos espaços (casa, escola, smartphon), possibilitando maior liberdade de expressão e flexibilidade para responder quando tivesse tempo. Cada estudante respondeu apenas uma vez o formulário que foi disponibilizado a partir da entrega do Termo de Assentimento assinado pelos pais e de consentimento dos estudantes maiores de idade.

Nesse sentido, o interesse foi o de compreender a maneira como os alunos de Ensino Médio espontaneamente se expressam, falaram sobre o que é importante para eles e de como falam sobre suas ações e as dos outros. Através do questionário foi possível ter um panorama dos sujeitos entrevistados, que deram informações importantes sobre seus contextos socioeconômicos que viabilizou os diagnósticos na pesquisa qualitativa; o primeiro processo de compreensão dos dados desta pesquisa e, posterior, análise e intervenção sobre a temática.

Segundo Bauer e Gaskell (2003), entre as características da investigação qualitativa destacam-se a busca pelos significados que os sujeitos pesquisados atribuem às suas próprias ações, o caráter descritivo de apresentação, o uso de métodos da pesquisa social, a formulação de questões abertas nas entrevistas, entre outras. No caso específico desta pesquisa, embora tenhamos feito uso de algumas relações quantitativas para construir noções gerais sobre os sujeitos pesquisados, minha principal análise foi construída principalmente a partir das questões abertas do questionário utilizadas para coleta de dados e da entrevista realizada com estudantes e equipe multiprofissional do *Campus*.

O questionário foi respondido por 128 estudantes dos Cursos Técnico em Química e Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio no ano de 2017. A escola possuía neste período 430 estudantes matriculados. A escolha dos estudantes que fizeram parte desta foi arbitrária e não probabilística intencional, pelo fato de todos os estudantes do campus terem sido convidados para acessar ao formulário do questionário e houve adesão dos interessados no tema, sendo o único critério para a participação no mesmo, ser estudante devidamente matriculado no curso técnico integrado ao Ensino Médio.

Este questionário ficou disponível por noventa dias, entre os meses de março a junho de 2017, sendo encerrado o preenchimento do formulário no prazo estabelecido. As respostas realizadas foram uma amostragem considerada representativa, com aproximadamente trinta por cento dos quatrocentos e trinta estudantes matriculados no referido ano.

O GPHSC optou por esse formato de aplicação do questionário da pesquisa, pois não demandaria uma ação específica para levar aos estudantes para o laboratório de informática, além de dar a possibilidade de o pesquisado escolher o momento mais oportuno para o preenchimento do questionário para garantir a privacidade e anonimato dos mesmos.

A citação da opção do GPHSC, é pelo fato de que esse é um projeto maior e que esse mesmo questionário foi aplicado em sete escolas diferentes, sendo IFMT Campus Cuiabá - Bela Vista, IFMT Campus Sinop, IFMT Campus Pontes e Lacerda, IFMT Campus São Vicente, Escola Particular de Cuiabá, Escola Estadual Antônio Epaminondas e Escola Estadual Professora Eliane Digigov Santana, no total de 634 participantes, destes 20,8% são do IFMT Cuiabá Bela Vista, sujeitos desta pesquisa.

Outro benefício apresentado é a tabulação dos dados, pois a ferramenta do *google* já cria automaticamente uma planilha com todos os dados necessários, ajudando o pesquisador a filtrar os dados para as análises.

Certamente que este método de coleta de dados também pode ter alguns percalços, das quais destaco que os estudantes pesquisados podem não dar as respostas a partir de análise mais crítica das questões e que seja pensado em todo

contexto vivido, que pode implicar em respostas superficiais, que necessite de um aprofundamento através de outras fontes de coleta de dados de subjetividade dos estudantes.

Outra situação quanto às estratégias para o *Campus Cuiabá Bela Vista*, que não transcorreu da forma planejada, pois houve baixa adesão voluntária à pesquisa, sendo necessária uma nova estratégia de intervenção juntamente com as estudantes/ bolsistas do grupo de pesquisa para aumentar a participação dos estudantes na pesquisa, que foi satisfatória e propiciou o envolvimento e protagonismo jovem, em que foi possível a amostragem da mesma.

Quanto ao resultado, obtivemos um panorama sobre os sujeitos participantes e percebemos o tipo de *bullying* mais praticado no cotidiano pesquisado.

Os participantes da pesquisa têm entre 14 a 18 anos, cursam do 1º ao 4º ano do Ensino Médio. Quanto ao gênero, 81 são do gênero feminino e 48 do gênero masculino. 54 são estudantes do curso de Química e 74 do curso de Meio Ambiente. Sobre a orientação sexual tivemos os seguintes quantitativos:



Figura 1 - Orientação sexual

Fonte: autora. Dados da pesquisa, 2018.

Este dado chamou atenção pelo fato de que no questionário aplicado, a letra “s” da questão nove, é específica sobre violência devido à orientação sexual, e essa informação de que quase 85% se intitulam heterossexuais fica desencontrada com os 92% das respostas que disseram sofrer algumas vezes humilhação devido sua orientação sexual. 1% diz ter sofrido muitas vezes e 7% nenhuma vez.

Essa prática chamou a atenção pelo fato dos sujeitos participantes em sua maioria se denominarem heterossexuais e ao mesmo tempo sofrer algumas vezes humilhação por sua orientação sexual. Ficando evidenciado que muitos ainda estão na construção de sua identidade sexual, que por algum estereótipo ou comportamento podem ser vítimas de “brincadeiras” e deboches.

Este é um tipo de violência que não deve ser tratado como *bullying* e sim

caracterizado como homofobia, que é uma forma de tratamento discriminatório sofrido por jovens e adolescentes homossexuais. O que Abramovay (2002, p. 11), traz como uma forma de legitimar padrões culturais que condenam práticas não-heterossexuais. Com efeito, em uma cultura machista, a homossexualidade representa uma afronta à masculinidade/virilidade. Segundo a autora trazem diversas situações que causam constrangimento, magoam, ferem a dignidade e geram baixa autoestima dos estudantes afetados pela homofobia. Podem ter como consequências ainda, constantes trocas de estudantes de sala, mudanças de escola, abandono e reprovação, com impacto direto no fracasso escolar. Além das ofensas sofridas, muitos estudantes identificados como homossexuais são vítimas, também, de agressões físicas.

O IFMT, através de sua Política e Metas para Direitos Humanos, contidos em seu Plano de Desenvolvimento Institucional, assegura que é preciso perceber a orientação sexual como um elemento integrante do processo de construção de uma cidadania ativa. Isto é, para além das preocupações com o desenvolvimento de ações educativas voltadas para a compreensão da importância de se respeitar e valorizar a diversidade sexual e a igualdade de gênero é imprescindível que seja levado em consideração que a inclusão social só será plena se dela fizer parte a inclusão relacionada à diversidade sexual. (PDI, 2014, p. 83)

Os caminhos e as escolhas devem ser responsáveis, ativos e respeitosos. Devem ser sobretudo, críticos frente ao modelo social vigente, com vistas à transformação social na busca pela justiça e pela igualdade.

Outro dado que considero elevado foi quando a aparência física. O questionário no item “e” da questão 9, fica o item mais alto da prática de *bullying* onde 15% dos sujeitos participantes alegam ter sofrido algum tipo de constrangimento com relação a sua aparência física, sendo:

Aparência Física	Muitas vezes	Algumas vezes	Nenhuma vez
a. Insultam-me por causa de alguma característica física	15%	31%	69%

Tabela 01 – Bullying – Aparência Física

Fonte: autora - dados da pesquisa, 2018.

Este dado é muito relevante, pois mostra que apesar de ter sido respondido por estudantes que convivem em um espaço educativo, ainda existe a não aceitação do diferente. O ser intolerante me remete a refletir sobre a sociedade que vivemos, na qual ainda encontramos pessoas que tem uma visão de mundo centrada em si próprio e em suas próprias necessidades, não se importando com outro, irrefletido,

inflexível, insensível e injusto, distante de questões de ética e valores, pois afinal, existe certo desejo de impor aos outros um determinado padrão, uma matriz pré-determinada, que podemos sintetizar como intolerância humana e desrespeito.

Esta situação é uma violência praticada no ambiente escolar e segundo Abramovay (2002, p. 24-25), tem variáveis endógenas e exógenas, que são relativos ao interior e exterior aos muros da escola, com influência de outros ambientes e instituições pelas quais os estudantes transitam. Autora traz como aspectos exógenos algumas questões que precisam ser considerados pela escola para compreender seu meio como questões de gênero, relações raciais, situações familiares, influências da mídia, espaço social onde a escola está inserida.

A estudante bolsista pesquisada trouxe em sua fala um relato de situação vivenciado pela mesma, onde fala sobre ser vítima de intimidação por alguma característica física,

É de não aceitar o diferente né, não aceitam. Já aconteceu comigo em relação ao meu corpo por eu ser muito magra e tal, e tipo, na época foi uma pessoa que era a minha colega que falou, então tipo, eu fiquei chateada, mas tipo levei na boa, fiquei chateada, sempre fiquei chateada, tipo assim, não briguei e depois. Isso já faz bastante tempo, mas foi aqui no IF e quando participando do estudo e entendendo mais sobre o bullying, você consegue olhar para isso e caracterizar, “nossa, isso foi realmente bullying”. Eu acho que tem uma mínima importância você conhecer, que você consegue olhar para as coisas mínimas e caracterizar e falar bem assim “isso aqui foi bullying, isso aqui não podia ter acontecido” (estudante/bolsista 1).

A análise desses dois dados da pesquisa já sinaliza que a escola pesquisada não está isenta desse tipo de prática, sendo necessário olhar para esse cotidiano visando criar estratégias onde os novos fazeres sejam pautados na demanda por um ambiente saudável e de respeito. O *bullying* e outros atos de violência não podem ser tratados como um fato isolado e desconexo, isso demanda um olhar multidimensional através de prática transdisciplinares, que permite que usemos óculos que melhore a visão sobre os fatos e enxerguemos a situação claramente, não mais como um vulto, onde punir, julgar e excluir seja a alternativa para o real problema.

2 | ENTREVISTA COM ESTUDANTES QUE PARTICIPARAM DO GRUPO DE PESQUISA

Foi realizada uma entrevista com quatro estudantes formandos do curso técnico em meio ambiente, estudantes do período 2014-2017, do curso com a matriz curricular formatada para quatro anos. As estudantes fizeram parte do grupo de pesquisa em humanidades e sociedades contemporânea do Campus apenas no ano 2017.

As três estudantes/bolsistas participaram ativamente no processo de coletas de

dados, análise de materiais, tabulação de dados e, no fim do processo, as estudantes foram entrevistadas para que pudessem falar de suas percepções, considerações e os percursos vivenciados pelas mesmas na instituição. A entrevista ocorreu no mês de dezembro de 2017, período bem próximo ao encerramento do ano letivo, os alunos estavam prestes a se despedir da escola, então a entrevista ocorreu num misto de encerramento, saudades e com a vontade de deixar suas marcas.

Na entrevista as estudantes fizeram relatos quanto a percepção do que é o *bullying*, suas características, particularidades, fazendo esta relação de estudantes que vivenciaram o bullying escolar enquanto vítimas e agressoras e como a discussão mais aprofundada da temática trouxe uma mudança de mentalidade e entendimento sobre essas práticas.

Quanto a percepção das mesmas sobre a pesquisa e suas participações, trago o relato de uma estudante/bolsista:

Foi uma coisa nova, uma experiência de vida, conhecimento também. Fiquei meio assustada quando cheguei na sala e só tinha professor e a gente de aluno, e não sabia o que fazer, a forma de ajudar, de saber o que estava acontecendo também, porque até então a gente ficou sabendo que era um projeto pra falar sobre bullying, só que a gente não sabia qual era a grandeza, qual era a dimensão do projeto, da pesquisa, do grupo, a gente nem sabia q quantidade de professores que tinham e quando chegou na reunião um monte de professor. (Estudante/Bolsista 3)

Quanto a percepção das mesmas após ter estudado o tema, ter participado e ajudado na pesquisa, fizeram o relato de como entenderam sobre essa prática, as mesmas relataram que:

Achava que era uma coisa distante, que não acontece igual aqui na escola existem umas brincadeiras e você acha que não e com os resultados eu vi que bastantes pessoas sofrem o *bullying* aqui (Estudante/Bolsista 2).

No decorrer das discussões, nos artigos que a gente lia, às vezes pra poder ter base no que falar, percebi que já tinha presenciado *bullying* e que a maioria das pessoas sofrem e as vezes sem saber que tá sofrendo *bullying* fica calado por medo (...) nos resultados vimos que aqui na escola tinha tanta gente que sofria *bullying* desse jeito, e você ficar sabendo assim aparece que olha “ta aqui os resultados a gente ta fazendo o que? O que tem pra fazer? Não sabia que tinha, to aqui a 4 anos e nunca tinha visto, tinham tantas formas de gente sofrendo bullying sem a gente mesmo perceber, notar essas coisas. (Estudante/Bolsista 3).

As estudantes/bolsistas demonstram através de seus relatos que o tema é muitas vezes banalizado, porém é real e presente no cotidiano da escola que vivenciaram por quatro anos e que apenas após a pesquisa vieram a constatar que é causador de sofrimento e silenciamento por parte da vítima.

3 | ANÁLISE DOCUMENTAL - DOCUMENTOS OFICIAIS DO IFMT (PPC, PDI E PPI).

Esta etapa consistiu em analisar os documentos oficiais do IFMT, buscando perceber a concepção de educação da mesma e seu posicionamento quanto a temática da pesquisa e como seu currículo é estruturado.

Em seu Plano de desenvolvimento Institucional (PDI) e Plano Pedagógico Institucional (PPI), é explícita a concepção da instituição em garantir o direito à diversidade, suas propostas de combate a violência, educação para a diversidade sexual e relações de gênero, tendo a inclusão como um valor, o IFMT fez a escolha por um currículo inclusivo, que explicita e acolhe as diferenças, garantindo a todos o seu lugar e a valorização de suas especificidades. (PDI, p. 46)

Estas análises são balizadores para o entrecruzamento da realidade vivenciada pelos estudantes no cotidiano do IFMT com o que foi instituído através da elaboração de documentos formais. Nesse contexto, a autonomia do IFMT pode ser compreendida em suas dimensões social e política, balizando a sua capacidade em aplicar tais conhecimentos no atendimento à sociedade. Esta afirmação em documento institucional justificativa à investigação desta proposta de atuação do próprio IFMT e avaliação da sua efetividade, verificando se realmente está se alcançando este objetivo e o que tem feito em relação a estas temáticas.

Quanto ao Plano Pedagógico de Curso (PPC), é o documento que direciona todo o andamento do curso, suas ações, itinerário formativo do curso, matriz curricular, ementas das disciplinas, perfil da formação e demais dados pertinentes ao curso e ao estudante. Os Planos Pedagógicos de Curso, nesse período delimitado pela pesquisa, passaram por dois documentos norteadores diferentes, sendo que ambos os documentos foram elaborados na mesma época, com mesma data, o primeiro de outubro 2009, sendo válido para os ingressos em 2010 que ficou em vigência até a adequação da matriz e a reformulação do curso que ocorreu em dezembro de 2015 que entrou em vigor em 2016, documento que está em vigência até a data atual. Portanto nos últimos 05 anos os cursos passaram por duas reformulações de documentos norteadores.

Os PPCs dos dois cursos foram elaborados pelas áreas específicas, porém suas construções caminharam juntas e estão com redações bem semelhantes. Fazendo comparação entre os documentos 2009 e 2015, percebemos o avanço e o amadurecimento quanto a questões de Direitos Humanos e a evolução da escrita quanto aos termos direitos humanos, respeito e tolerância, pois no documento de 2009 não há nenhuma citação sobre essa problemática e nem apresenta encaminhamentos quanto o enfrentamento de qualquer tipo de violação e/ou violência. O documento 2016 já traz um capítulo específico sobre direitos humanos e traz em seu escopo que:

Estabelecendo seu compromisso com a construção de uma cultura de direitos, o IFMT possibilitará uma educação que ressalta os valores de tolerância, respeito, solidariedade, fraternidade, justiça social, inclusão, pluralidade e sustentabilidade, implementando estes valores na educação técnica, contribuindo assim para o bem-estar de todos e a afirmação das suas condições de sujeitos de direitos (PPC, Meio Ambiente 2015).

O avanço apresentado é bem salutar e mostra que as lutas por essas problemáticas estão sendo incorporadas nas discussões e nos avanços quanto ao reconhecimento dos direitos dos estudantes como sujeitos, porém, me intriga ainda perceber que a problemática específica do *bullying* ainda não é tratada nos documentos oficiais, pois como vimos o *bullying* é uma violência que ocorre na escola e os documentos não dá nome ao problema, mostrando certa omissão ou não reconhecimento da problemática.

4 | ENTREVISTA COM EQUIPE MULTIPROFISSIONAL

Houve uma entrevista com a psicóloga e assistente social do campus que fizeram relatos de suas ações enquanto profissionais que lidam diretamente com os estudantes, gerenciando conflitos que se estabelecem nas relações escolares. O objetivo era perceber qual a sua percepção das profissionais sobre *bullying* e a violação de direitos humanos no cotidiano escolar, sobre o enfrentamento e ações preventivas da problemática no ambiente escolar. Outro fator relevante foi para perceber as demandas de atendimento que as mesmas recebem em relação aos casos de *bullying* e violação de direitos humanos.

As falas das profissionais foram fundamentais para compreender o cotidiano do IFMT Cuiabá Bela Vista, onde as profissionais relatam suas vivências e dizem,

Eu tenho uma perspectiva de marcadores sociais quanto a isso, porque eu acho que o bullying e a violação de direitos humanos, está presente na escola como em outros lugares também e a escola acaba reproduzindo certos tipos de padrões, de pensamento, de beleza, E de ser mesmo que reforça os estereótipos que reforçam o *bullying*. (Profissional 1)

Acredito que tem alguns determinantes sociais que interferem nesta questão, estas percepções de violência, de gênero, racismo, preconceito, desigualdade social, tudo isso influencia para estas atitudes agressivas. (Profissional 2)

Para as profissionais as questões sociais também são determinantes ao estabelecer as relações cotidianas escolares. O tratamento desigual dos sujeitos praticantes do cotidiano, demonstra que as práticas pautadas nas mais variadas situações sociais, é sustentado por uma ideia de superioridade econômica. Deixando claro que em todos os aspectos apontados há uma relação de desigualdade prezada por questões sociais, econômicas, de gênero, racial, religioso... enfim, as diferenças ainda causam afastamentos e fomentam a discriminação.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa apresentou um espaço escolar em que o *bullying* está presente e tem assumido características que podemos nomear como outros tipos de violência, como racismo, preconceito, homofobia e discriminação. Pautando-se por marcadores sociais específicos, que geram as diferenças e constituem a identidade dos estudantes, que podem ser determinantes para que ocorra a atitudes agressivas presentes nas relações escolares.

O tipo de *bullying* que apontado no Campus Bela Vista, não está relacionado com a questão da violência física ou briga entre os alunos, mas acontece uma violência verbal e discriminatória, em que as profissionais que atendem aos estudantes apontam como uma relação direta ligada a questão do preconceito por serem pobres, por serem cotistas, por receber bolsas de assistência estudantil ou bolsa família, deixando claro que o *bullying* vivenciado neste cotidiano escolar é marcado por marcadores sociais da diferença, que é marcado por classe, por desrespeito ao pobre, ao negro e a homossexuais, que chamo na pesquisa de violência verbal, violência racial, aparência física e exclusão social.

Diante dessa problemática tenho percebido que realmente um currículo bem estruturado com ações bem estratégicas podem ter efeitos positivos acerca do enfrentamento às violências e violações de direitos presentes nesse cotidiano escolar.

A necessidade de ruptura com modelos legitimados historicamente de uma escola excludente e polarizada, nos remete a vivenciar um cotidiano escolar, que seja construído a partir de relações saudáveis e de respeito aos Direitos Humanos, sendo ousado e muitas vezes subversivo, para que a tão esperada transformação ocorra, é necessário dar vez e voz aos sujeitos, na qual os mesmos abandonem suas certezas e convicções para que os saberes sejam (re)construídos por sujeitos praticantes através de estratégias astutas (CERTEAU, 2004).

Pensar em estratégias astutas para assegurar uma convivência de respeito e reciprocidade no ambiente escolar, onde a multiculturalidade, os diversos saberes e as individualidades estão presentes, pode ser uma forma de intervenção institucional para o combate ao *bullying* e outras formas de violências presentes no cotidiano escolar. O conflito de diversas ordens nos faz buscar outros cotidianos, que podem ser construídos/tecidos através de diálogos e pensamentos críticos, que promove a tão desejada mudança.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. M. **Ensino Médio**: múltiplas vozes. Brasília: UNESCO, 2003.

ABRAMOVAY, Miriam. **Violências nas escolas** / Miriam Abramovay et alii. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

BAUER, Martim W. & GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som** – um manual prático. Editora Vozes: São Paulo, 7ª edição, 2003.

BOGDAN, R. BIKLEN. S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.

BRASIL. Presidência da República. **Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**. Brasília: Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2015. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm> Acesso em: 02 de setembro de 2018.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1: as artes de fazer**. 10ª edição. Petrópolis: Vozes, 2004.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível na Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo: <www.direitoshumanos.usp.br>.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Campinas, SP: Verus, 2005.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. São Paulo: Artmed. 2013.

PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin, A Educação e a Complexidade do Ser e do Saber**. 13ª edição. Ed. Vozes: Petrópolis, 2000.

SILVA, T.T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015.

PREFACIADOR



ANTONIA PICORNELL-LUCAS - Doctora en Filosofía y Ciencias de la Educación y Graduada en Trabajo Social por la Universidad de Salamanca, es Profesora Titular de Universidad de Trabajo Social y Servicios Sociales de la Universidad de Salamanca. Ha impartido docencia en Grado y Posgrado en diferentes universidades españolas y europeas (Alemania, Bélgica, Italia, Noruega, Portugal). Ha sido investigadora visitante en centros de Chile, Ecuador y México y Profesora Visitante Extranjera en la Universidade Federal da Paraíba (Brasil). Ha coordinado proyectos de investigación sobre estudios de infancia, objeto de investigación en las Tesis Doctorales dirigidas. Ha organizado y participado en numerosos congresos nacionales e internacionales y conferencias invitadas (Argentina, Chile, Uruguay, Brasil), así como en la coordinación de obras colectivas y la colaboración en revistas científicas sobre el campo objeto de su estudio. Presidenta del Comité Provincial de UNICEF en Salamanca (2014 - 2019); Fundadora y Presidenta, desde el año 2013, de la Red Iberoamericana para la Docencia e Investigación en Derechos de la Infancia [REDIdi].

SOBRE OS AUTORES



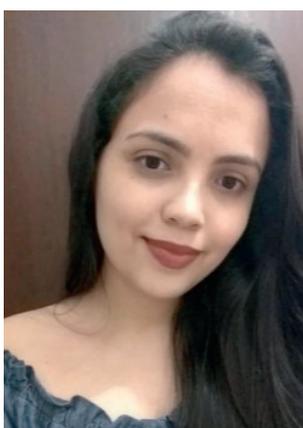
ALEXANDRE MAGALHÃES DE ARRUDA JUNIOR - Técnico em Química, pelo IFMT Campus Bela Vista. Membro do Grupo de Pesquisa em Ciências, História e Sociedade Contemporânea. Bolsista no projeto de pesquisa sobre Fontes Lipídicas e Doenças Cardiovasculares. cursando licenciatura em Química na Universidade Federal de Mato Grosso. <http://lattes.cnpq.br/2205894466666217>



AMANDA SILVA DE LIMA - Graduada em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ. Advogada - OAB/PB. Integrante do Grupo de Pesquisa Humanidades & Sociedade Contemporânea do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso. Dedicar-se, principalmente, ao estudo das seguintes temáticas: Relações Sociais, Vulnerabilidades Sociais e Relações de Consumo. <http://lattes.cnpq.br/4086339756582828>



ANNA BEATRIZ RODRIGUES DE AMORIM - Estudante do Curso Técnico em Química Integrado ao Ensino Médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso Campus Bela Vista. Estudante do Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea (GPHSC) do IFMT Campus Bela Vista. <http://lattes.cnpq.br/7075218352860286>



CARLA CRISTINA RODRIGUES SANTOS - Graduada em pedagogia pelas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia, possui segunda licenciatura em Letras (UNIP). Pós-graduada em Neuropsicopedagogia pela Unisserra. Pós-graduanda em Ensino de Ciências da Natureza pelo Instituto Federal de Mato Grosso. Atualmente é professora efetiva da rede estadual de Mato Grosso e da rede municipal de Campo Verde. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5572794992244227>



CAROLINA DE VASCONCELOS LOPES BORBA - Estudante do Curso Técnico em Química Integrado ao Ensino Médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso Campus Bela Vista. <http://lattes.cnpq.br/4926490146900550>



CAROLINA GUIMARÃES SANTOS - Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), cursando Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista de extensão pela UFMG atuando na Secretaria do Patrimônio da União (SPUMG). Estudante do Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea (GPHSC) IFMT Campus Bela Vista. <http://lattes.cnpq.br/4926490146900550>



CLEIDE ESTER DE OLIVEIRA - Doutorado em Psicologia Social, UFPB. Mestrado em Estudos da Linguagem, UFMT. Especialização em Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola, UFMT - DELE - Diploma Superior de Español como Lengua Extranjera (MEC - España). Graduação em Letras Licenciatura Plena - FAFICLE/SP. Habilitação em Língua Espanhola UFMT. Participa do Núcleo de Pesquisa NUPEDIA-(UFPB). Participa do grupo de pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea (IFMT). <http://lattes.cnpq.br/3723791203221068>



DEGMAR FRANCISCA DOS ANJOS - Possui doutorado em Psicologia (Psicologia Social) pela Universidade Federal da Paraíba, mestrado em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso e graduação em Letras Português e Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Atualmente é Docente Efetivo e Diretor de Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB e docente colaborador no Programa de Mestrado Acadêmico em Ensino do Instituto Federal de Mato Grosso. <http://lattes.cnpq.br/0538812567788479>



FELICÍSSIMO BOLÍVAR DA FONSECA - Doutorado em Psicologia Social (UFPB). Mestrado em Educação (UFMT). Especialização em Metodologia do Ensino Tecnológico (UFMT). Bacharel em Ciências Contábeis (UFMT). Bacharel e Licenciado em Filosofia (UFMT). Professor EBTT do IFMT-Campus Cuiabá-Bela Vista. Vice-Lider do Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea (GPHSC) IFMT Campus Cuiabá-Bela Vista. <http://lattes.cnpq.br/5237205467561324>



GABRIEL BELO LYRA E LIMA - Graduando em Administração pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba e Graduando em Ciência de Dados pela Universidade Cruzeiro do Sul. Integrante do Grupo de Pesquisa Humanidades & Sociedade Contemporânea (IFMT). Dedicase principalmente ao estudo das seguintes temáticas: Gestão de dados, análise estatística, estruturas de dados e Big Data. <http://lattes.cnpq.br/2500645651074025>



GILSON PEQUENO DA SILVA - Mestrando em Ensino Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - IFMT, Área de Concentração: Ensino, Currículo e Saberes Docentes, Linha de Pesquisa: Ensino de Matemática, Ciências Naturais e suas Tecnologias, possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de Cuiabá - UNIC (2002), graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT (2005) e Especialização em Gestão em Educação Pública pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT (2006). Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea GPHSC/IFMT Bela Vista. <http://lattes.cnpq.br/1389757071983268>



ISABEL CRISTINA SILVA - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino - PPGEn – IFMT/UNIC - Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso / Universidade de Cuiabá. Participante do Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea - GPHSC.



JAIR ANICETO DE SOUZA - Bacharel e Licenciado Pleno em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Curso de Especialização em Educação a Distância pela UNIVERSIDADE PAULISTA. Mestrando do Programa de Mestrado em Ensino do IFMT - Cuiabá. Participa como pesquisador do Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea do IFMT Campus Bela Vista. <http://lattes.cnpq.br/6024196414327047>



MARCO AURÉLIO BULHÕES NEIVA - Pós doutorando em Direitos Sociais pela Universidade de Salamanca (UNSA), Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidad del Museo Social Argentino (UMSA). Pós Graduação/Especialização em: Engenharia de Segurança do Trabalho (UFMT), Direito Público (ICE), MBA em Gestão Estratégica (UFMT). Graduado em Direito pela Universidade de Cuiabá (UNIC), graduado em Engenharia Elétrica pela UFMT. Docente de carreira do Instituto Federal de Mato Grosso nas cátedras de Direito Ambiental, Segurança do Trabalho e Eletrotécnica. Docente do curso de Pós Graduação/Especialização em Inovação e Empreendedorismo para Negócios Sustentáveis do IFMT. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea do Instituto Federal de Mato Grosso com registro no CNPq. Advogado. Membro da Comissão de Meio Ambiente da OAB/MT. <http://lattes.cnpq.br/8540831188896258>



NATÁLIA SATHLER DE SOUZA CUNHA - Graduada em Licenciatura Matemática pela Universidade Federal de Uberlândia, atua como docente nos anos finais do ensino fundamental de matemática no município de Uberlândia. Graduação em Estatística na Universidade Federal de Uberlândia. Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4233897648176488>.



NIEDJA DE FREITAS PEREIRA - Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, Licenciada em História pela Universidade Federal de Campina Grande, Especialista em Geopolítica e História pelas Faculdades Integradas de Patos. Técnica em Assuntos Educacionais no IFPB. Atualmente cursa Bacharelado em Direito pela UFPB. <http://lattes.cnpq.br/9661261815829585>



PAULO ALVES DE OLIVEIRA - Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (2012). Atualmente é tae-ife - assistente em administração (pcife) do Instituto Federal de Mato Grosso. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação e sociedade, atuando principalmente no seguinte tema: educação, ensino, aprendizagem, vulnerabilidade sociais, direitos humanos e mídias sociais. <http://lattes.cnpq.br/0770327171652503>



PRISCILA VELOSO RAMOS - Bacharel em Química com Atribuições Tecnológicas pela Universidade Federal de Mato Grosso. cursando Gestão Ambiental IFMT Campus Bela Vista. Pós-graduanda em Ensino de Química e A Moderna Educação. Estudante do Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea (GPHSC) IFMT Campus Bela Vista. Bolsista FAPEMAT edital 45/2019 PROPES/IFMT. <http://lattes.cnpq.br/0129103463814840>



QUINTILIANO SIQUEIRA SCHRODEN NOMEINI - Graduado em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Uberlândia (2005), Mestre em Estatística e Experimentação Agropecuária pela Universidade Federal de Lavras (2007), Doutor em Agronomia pela Universidade Federal de Uberlândia (2012) e Pós Doutorado com concentração em Séries Temporais e Multivariada no programa de Pós-Graduação em Estatística Aplicada e Biometria na Universidade Federal de Alfenas (2015). Professor Associado pela Universidade Federal de Uberlândia - Faculdade de Matemática. <http://lattes.cnpq.br/7777119607530651>



RAQUEL MARTINS FERNANDES - Pós-doutora em Psicologia Social na Universidade Federal da Paraíba e líder do Grupo de Pesquisa Humanidades e Sociedade Contemporânea. Graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso. <http://lattes.cnpq.br/5856525232992306>



RODRIGO RIBEIRO DE OLIVEIRA - Possui graduação em Administração pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (2005), mestrado em Administração pela Universidade Metodista de São Paulo (2008), doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Metodista de Piracicaba (2012) e realizou estágio Pós Doutoral na Universidade Metodista de São Paulo (2016). Atualmente é professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). <http://lattes.cnpq.br/9456573255125999>.



VANESSA COSTA GONÇALVES SILVA - Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino com Associação ampla entre a Universidade de Cuiabá (Unic) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso (IFMT). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (1999). Com especialização em Educação a Distância pelo SENAC - MT. Servidora do Instituto Federal de Mato Grosso - Técnica Administrativa. Professora do curso de Licenciatura em Química pela Universidade Aberta do Brasil (UAB/EAD). <http://lattes.cnpq.br/7046686448958045>



VERALÚCIA GUIMARÃES DE SOUZA - Graduada em Letras Português/Inglês pela UFMT, mestre em Estudos de Linguagem pela UFMT, doutora em Linguística UnB. Atualmente é professora efetiva do IFMT Campus Cuiabá Bela Vista. Pesquisadora no GPHSC. <http://lattes.cnpq.br/8258543105420805>



YURI OGAYA DE ASSUMPÇÃO - Graduado em Direito pelo Centro Universitário de Várzea Grande e em Educação Artística. Licenciatura em Música pela Universidade Federal de Mato Grosso. Professor titular no INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA CAMPUS JUINA e no INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA CAMPUS BELA VISTA. <http://lattes.cnpq.br/1297661315810527>

 **Atena**
Editora

2 0 2 0